

# LITERATURA ENGAJADA : REALIDADE OU ILUSÃO?

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira(orientadora)**

**Gizele Cristiana Carneiro(pesquisadora)**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discorrer sobre a visão sartreana de 'Literatura Engajada', partindo da abordagem dos diferentes modos como a literatura foi entendida no decorrer da história, mas principalmente no período pós-guerra. Sendo esse o momento em que o termo 'Literatura Engajada' se define no campo literário, precisamente com as postulações sartreana sobre o assunto, buscaremos caracterizá-la de modo que possamos compreender se este termo abarca qualquer obra literária, ou, se negativa, quais os parâmetros a serem analisados dentro de uma obra, para que essa seja considerada engajada.

**Palavras-chave:** Sartre; literatura; Literatura Engajada.

## 1. Introdução

O presente trabalho faz reflexões acerca do conceito de literatura engajada tendo em vista as configurações que esse adquiriu no século XX, principalmente por meio das idéias propagadas pelo filósofo francês Jean Paul Sartre sobre engajamento literário.

O contexto que nos levou à necessidade desta discussão foi a leitura da obra *Água funda* (Nova Fronteira, 2003) da escritora afro-descendente Ruth Guimarães, bem como as indagações por parte da crítica sobre a falta de espaço em sua obra, para discussões referentes à causa negra.

Assim, no livro *Raça e cor na literatura brasileira*, David Brookshaw questiona o fenômeno do 'branqueamento' que acomete vários escritores afro-brasileiros – inclusive a escritora aqui mencionada – e que consiste em negar suas origens escapando para a sociedade branca (1983: 203). Entretanto, não caberá a este trabalho a análise crítica da obra, pois não temos neste momento, a intenção de julgá-la engajada ou não, mas sim o de compreender a amplitude e os parâmetros que regem este conceito, a partir de algumas das formas como foi concebida a literatura dentro da sociedade.

## 2. Breve percurso histórico das acepções de literatura

A literatura como manifestação artística, que obtém da linguagem sua matéria-prima, remonta a uma existência milenar da qual podemos encontrar grandes produções a partir da Grécia Antiga.

Todavia, como não poderia deixar de ser, o modo como a literatura foi concebida e produzida no decorrer dos tempos difere de um momento para o outro, devido às mudanças históricas e sociais pelas quais passaram as civilizações.

Se atentarmos para a produção literária desenvolvida no Brasil do século XIX, veremos contornos de ufanismo devido ao processo de independência pelo qual passara a antiga colônia, o que resultou na edificação de uma literatura sentimental-nacionalista com vistas a uma nova pátria.

Com efeito, a literatura (referindo-se à produzida no Brasil) foi considerada parcela de um esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não somente a cantar a sua terra, mas a considerar suas obras como contribuição ao progresso (CANDIDO, 2000: 12)

A maneira como a literatura oitocentista da primeira metade daquele século foi entendida no Brasil – partícipe da (re)construção nacional, como supracitado – não foi a mesma do período que o sucedeu (o Realismo), fato esse, que ocorreu também com as fases seguintes.

‘Veículo de expressão do nacionalismo literário’, ‘panfletagem governamentista’, ‘objeto de entretenimento e evasão’, ‘sustentáculo para denúncia’, eis aí algumas maneiras como foram concebidas as produções literárias em seu decurso histórico. Entretanto, a volubilidade neste modo de acolher a literatura, gera mudanças também no que diz respeito a questões de estética, na sua relação com a sociedade e na utilidade que essa a reclama.

Dizem Wellek e Warren que o questionamento sobre a função da literatura não são os poetas que fazem, pois “para esses, a Beleza é em si própria a justificação de sua

existência”(1971: 45), ou seja, a tão decantada *arte pela arte* – que aqui expomos de modo simplificado como um apreço antes pela forma e depois pelo conteúdo – basta como justificativa para a existência da literatura.

Todavia, para muitos esta não é uma função satisfatória e a inquietude que tal discussão causa na crítica, desafia “poetas e o leitor instintivo de poesia” (1971: 45) a uma resposta a contento.

Os teóricos acima mencionados, ao discorrerem sobre esta questão, citam a fórmula horaciana representada pelo dualismo *dulce et utile*, a qual propõe à arte literária que esta seja ‘útil e agradável’, pois para eles, o ato de atribuir isoladamente um destes objetivos à literatura, seria demasiadamente errôneo. Assim:

Quando uma obra literária exerce com êxito a sua função, os dois factores referidos – prazer e utilidade – devem não só coexistir, mas fundir-se.

pois,

Útil é equivalente a não perda de tempo e não uma forma de passar o tempo: é qualquer coisa que merece se lhe dedique atenção séria. Doce é equivalente a não maçador, não imposto pelo dever, algo que é prêmio de si próprio (WELLEK e WARREN, 1971: 37)

As atribuições de utilidade e prazer expostas acima, estão estreitamente ligadas às expectativas depositadas à obra literária pela sociedade. Dizemos que estão estreitamente ligadas à sociedade porque “a literatura é uma instituição social que utiliza, como meio de expressão específico, a linguagem – que é criação social”(WELLEK e WARREN, 1971:117) o que permite à sociedade, projetar nela atribuições de seu interesse.

Tal atitude pode ser analisada, de um modo particular, nas produções literárias do século XX.

As transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas na primeira metade do século, devido à insurreição dos conflitos bélicos, bem como à Revolução Francesa, incitaram um novo modo de conceber a literatura, sendo que é neste contexto que o conceito de literatura engajada adquire novas nuances.

### **3. Inscrição histórica de um novo modo de pensar a literatura**

No século XX, a idéia de uma literatura engajada tem como um cenário emblemático o período que cobre o entre-guerras, onde as supostas justificativas para o conflito de 1914 só mostraram a crueza provinda de interesses imperialistas. Como não bastasse o desfecho que teve a primeira grande guerra, a explosão de uma Segunda Guerra mundial foi inevitável. Entretanto, o grau de destruição desta alcançou maiores proporções, o que contribuiu para que pensadores e escritores (re)analisassem o papel de seu ofício dentro de uma sociedade descrente e desamparada.

Conceber a literatura como “imitação da natureza” ou simplesmente como pura manifestação do belo passa a ser uma incógnita, e refletir sobre isto fez com que questionamentos a cerca do que chamamos arte pura e arte social surgissem entre artistas das mais diversas áreas.

No âmbito literário a aceitação de uma obra que objetivasse proporcionar ao leitor somente a beleza, a fruição estética e o prazer intelectual torna-se questionável uma vez que a vivência com os resultados das duas guerras não permitiam o descaso e o silêncio. Deste modo, pensar qual seria o papel da literatura fez-se urgente. É o que relata Burns em *História da Civilização Ocidental*:

A Grande Depressão dos anos 30 obrigou a um reexame dos métodos e das finalidades da literatura. Em meio à estagnação econômica e às ameaças de totalitarismo e de guerra, desenvolveu-se a teoria de que a literatura devia ter um propósito político, que ela devia condenar a mesquinhez, a crueldade e o barbarismo, além de apontar o caminho para uma sociedade mais justa. Devia ser também uma literatura dirigida não a intelectuais, mas a homens e mulheres comuns. (BURNS, 1989; 711-712)

Constatado isto, novas tendências intelectuais e culturais entram em cena, e alguns escritores tomam frente à problemática e forjaram uma nova forma de conceber a literatura.

### **4. Conceito e posicionamentos da literatura engajada**

Engajar, no sentido amplo e literal, significa colocar em penhor; engajar-se é portanto dar a sua pessoa ou a sua palavra em penhor, servir de caução e, por conseguinte, ligar-se por uma promessa ou juramento constrangedor (DENIS, 2002: 31)

Esta definição de engajamento exposta pelo crítico francês Benoit Denis em sua obra *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*, mostra a concepção mais ampla do termo. Entretanto as proporções que esta acepção tomou dentro do campo literário, espelha o posicionamento de Sartre ante a literatura do século XX.

Muito embora a idéia acerca deste termo já tivesse participação no âmbito literário – podendo ser encontrado uma tentativa de engajamento em escritores da antiguidade – a maneira como ele foi revestido por Sartre refletiu a urgência de pensar a literatura a partir dos acontecimentos presenciados naquele século. Por isso:

Tratando-se de literatos e de literatura, percebe-se imediatamente que o que está em causa no engajamento é fundamentalmente as relações entre o literário e o social, quer dizer, a função que a sociedade atribui à literatura e o papel que esta última admite aí representar (DENIS, 2002: 31)

A relação entre literatura e sociedade, que liga-se estreitamente à dialética da literatura engajada, é um dos tópicos de discussão envolvido no novo modo de pensar a literatura, e que procura entender quais as influências sofridas de uma para outra.

Deste modo, a história literária nos mostra que as produções artísticas relacionaram-se de diversas formas com a sociedade e que essa inter-relação passou a ser (re)analisada de forma a garantir um envolvimento mais sério entre ambas as partes, pois considerando que a literatura é uma forma de expressão, e parafraseando Wellek e Warren, tem-se a possibilidade de utilizá-la como um registro histórico parcial da sociedade, o ato de assumir uma postura comprometida com esta torna-se um dos parâmetros fundamentais da literatura engajada.

Sendo assim o entrelaçamento literatura e sociedade faz com que aquela tenha uma função social que não o de puro prazer estético. Mas para que isto seja possível há, no pensar sartreano, algumas postulações das quais tanto o escritor como sua obra devem estar

submetidos.

o escritor engajado entende participar plenamente e diretamente, através das suas obras, no processo revolucionário, e não mais simbolicamente, pela mediação de uma homologia estrutural (DENIS, 2002: 25).

A participação plena da qual refere-se o crítico francês, é uma das primeiras postulações de uma literatura engajada. Esta se faz pela conscientização do escritor de pertencer a uma sociedade, a um momento histórico e político o que exige dele a substituição do papel de espectador pelo de atuante.

A partir deste comprometimento atuante, na idéia sartreana, o escritor se pré-dispõe a uma análise de suas ações por parte da crítica e pessoas do gênero, tendo como finalidade validar o seu pronunciamento ideológico na vida extra-literária. A isto justifica-se a pesquisa biográfica e histórica, muitas vezes realizadas, com o intuito de compreender em que contexto a obra foi produzida bem como a possível influência que as origens sociais e políticas de um escritor pode causar à obra.

Como não poderia deixar de ser, a escolha pela clareza de seu posicionamento requer do escritor algumas renúncias relevantes, uma delas diz respeito a submissão de sua obra ao imediatismo, isto quer dizer que, sua escrita deve preocupar-se com o presente, respondendo aos clamores emitidos pela sociedade. Deste modo:

A literatura engajada está assim condenada a uma obsolescência rápida: a atualidade, o tempo que passa e o mundo que muda limitam de alguma forma a esperança de vida dessa literatura, que escolheu ligar-se estreitamente à temporalidade do mundo dos homens. O escritor engajado recusa-se portanto a escrever para a posteridade...(DENIS, 2002: 41)

Sartre, citado por Denis, foi ainda mais incisivo ao dizer que “é aqui mesmo e como vivos que os processos se ganham ou se perdem”(2002: 41) o que só vem a insistir em uma literatura de urgência que serve a seu tempo.

Outro fator vinculado a uma literatura que se quer engajada – enfatizamos a ato de querer, pois engajar-se ao modo sartreano é uma escolha voluntária – é a impressão notável do escritor em sua obra.

Todos os textos tributários do engajamento são marcados pelo acento que eles colocam sobre a pessoa do seu escritor (DENIS, 2002: 45)

Temos aí uma característica da literatura engajada que de certa forma se opõe as outras literaturas, uma vez que essas ao serem analisadas, permitem que haja uma pesquisa biográfica como forma de contribuição para o entendimento de uma determinada obra, em contrapartida a literatura engajada exige que essa dualidade vida e obra fundam-se de modo que se tornem uma só.

O que estamos destacando aqui, se pensarmos em termos de gêneros literários, não é de modo algum que uma obra engajada é sinônimo de autobiografia, mas sim que na composição do artista literário, se possa apreender a postura do escritor diante dos problemas do mundo, renegando a possibilidade de impassibilidade e recusando assim uma literatura desinteressada. É o que nos afirma Simone de Beauvoir ao dizer que:

o escritor não se engaja somente inteiramente na realização da sua obra, mas que ele engaja aí a totalidade da sua pessoa, no sentido de que ele aí coloca o conjunto dos valores nos quais acredita e pelos quais se define ( in DENIS, 2002: 46)

Em suma, o que podemos depreender desta breve explanação do conceito de literatura engajada é que, tal acepção não abarca toda e qualquer obra literária devido as condicionantes específicas que a ele reportam, entretanto este fato não torna a literatura artística menos importante. Pois, por mais que ela não discuta abertamente sobre a sociedade de que faz parte, ela a registra com todas as suas sutilezas e particularidades.

## **Referências**

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura.** Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental: Do homem das cavernas às naves espaciais.** In LERNER E. Robert & MEACHAM, Standish (Org.). Trad. Donaldson M. Graschagen. 30.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira.** 6ed. 1º e 2º vol. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1981.

DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre.** Trad. Luiz Dagobert de Aguiarra Roncari. São Paulo: EDUSC, 2002.

WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da literatura.** Trad. José Palla e Carmo. 2ed. Publicações Europa-América.